

QUANDO A CAATINGA NOS CONVOCA¹

Tereza Raquel Arraes (UFC/Brasil)

Karlene da Silva Andrade (UFBA/Brasil)

Palavras-chave: Candeeiro; Agricultores/as; Caatinga.

Introdução

Este artigo se constroi a partir do encontro de duas pesquisadoras em retomada indígena - uma comunicadora social e a a outra antropóloga- atravessadas de diferentes formas pelo Cariri e pela Caatinga(s) cearense. Nosso caminho se encontra na indagação de como ao produzir roças e quintais produtivos no semiárido os/as cuidadores da terra- agricultores- também são (re) feitos; como também nos fazemos e nos tornamos pesquisadoras, atravessadas pelo ecossistema que nos inserimos. Fazemos isso a partir do boletim o Candeeiro, de tangenciamentos subjetivos e a ligação estabelecida com a Terra que os/as sujeitos da pesquisa possuem.

A divisão do artigo consiste em trazer inicialmente nossas experiências de forma a mostrar como a Caatinga nos convoca. Posteriormente desenvolvemos uma análise das histórias de vida dos/as agricultores/s do acervo *online* do Candeeiro, temos como recorte as narrativas em Crato-CEARÁ, no total de nove edições do boletim. Une-se a antropologia e a comunicação social para refletir sobre a vida de agricultores/as e a relação com a terra. Buscamos nas matérias dados etnográficos, para ressaltar a experiência de alteridade dos/as viventes da Caatinga(s). É no relato de uma memória em movimento, que evidenciamos como nosso campo é atravessado por questões ancestrais e multiespécies, importantes para um debate interdisciplinar acadêmico e para ressaltar como preservar a(s) caatinga(s) é necessário diante a emergência climática.

Tornando-se sujeita - Quando Raquel fala

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

Foi em 1994 que descobri ser parte constituinte da Caatinga. Sei disso pois esse é o primeiro registro de seca que guardo na memória e de todos os acontecimentos que se desencadearam com sua chegada. Até então não fazia ideia que esse tempo outro, parte indissociável dos ciclos de morte e renascimento vivenciados por todos nós, disparava, muito longe daquela comunidade ao sopé da Floresta Nacional do Araripe, os mecanismos da guerra ecocida que vem se estendendo há mais de 500 anos, hoje chamada de combate à seca.

Foi então que naquela manhã, no caminho para a escola, enquanto balançava dentro do Uno Mille dos meus pais, vi pela primeira vez a Frente de Emergência². Na época, já havia sido alertada por meu pai de sua existência e do trabalho humilhante que todos os agricultores eram obrigados a desempenhar em terras alheias: abrir açudes, cavar barragens, roçar e abrir estrada nas terras dos patrões e coronéis. Fazer para eles o que faltava para nós.

Mas nem todas as explicações e avisos foram capazes de me livrar do baque, ao ver, antes das 7h00 da manhã, meus vizinhos enfileirados na estrada, enxadas nas mãos, olhos pro chão, ouvindo as ordens de um estranho. Lembro como hoje do desgosto estampado no rosto de Seu Val, exímio violonista que aos domingos acompanhava as cantorias em nossa capela, que era consultado sobre o clima por meus irmãos antes de irem caçar, que possuía habilidades de construir uma casa e dar vida a uma roça generosa. Mas ali estava Seu Val, aguardando ordens para ganhar R\$2,00 por dia. Nesse momento, meus olhos encheram d'água, meu coração apertou e virei minha cabeça pra frente.

Segui minha viagem para o Crato, a forma como nos referimos até hoje quando vamos à zona urbana. Na escola, nem uma palavra sobre o que acontecia na minha e em outras comunidades rurais da Chapada do Araripe. Ali não se falava em seca, em fome, em solidariedade, em saques. Na escola, o que importava era o Império Romano e alguma regra de três que nunca aprendi. Minha vida e a dos meus vizinhos continuavam muito longe daqueles muros. Com o tempo, acabei descobrindo que muitos muros e máquinas de guerra haviam sido construídos ao nosso redor. O muro da invisibilização das nossas existências, o muro da negação de nossa ancestralidade, a máquina de guerra colonial que produz e gerencia a destruição da Caatinga e o empobrecimento dos seus povos.

Em certo sentido, todo o esforço da minha formação se concentrou em produzir as lentes com as quais nós, sujeitas e sujeitos do Semiárido e Caatinga, pudéssemos falar de nós mesmas e

² Política Pública de cunho assistencial.

sermos reconhecidas como protagonistas dessa discursividade. O intuito sempre foi o de nos colocar nesse jogo de (in)visibilidades sem ser meras espectadoras ou objetos, mas lançando e expondo nossas próprias vivências. A ideia mais ampla consiste em nos expor, mas não como objetos expostos, descritos, mensurados, analisados. Trata-se, do ponto de vista insurgente, de nos expor enquanto sujeitas de modos próprios de exercitar o olhar, a análise crítica, a produção de conhecimentos e práticas de resistência ao projeto de morte capitalista.

Não à toa esse tópico inicia com um título inspirado em Memórias da Plantação (2019). Também Grada Kilomba emerge dos silêncios impostos, histórias não contadas, apagamento de memórias, para autorizar-se Sujeita de sua existência e autora de suas narrativas, “pois aqui eu não sou a “Outra”, mas sim eu própria. Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político.” (KILOMBA, 2019, p.22). Esse “aqui” corresponde para nós o exercício de uma pesquisa embrasada em altas temperaturas na qual derramamos uma vivência coletiva, rural e caatingueira, no intuito de tumultuar o quadro monolítico que até então produzia uma imagem de fome e escassez perpetuamente associada à Caatinga e seus povos. Torcer a perspectiva colonial, reivindicar a reparação histórica e ancestral da Caatinga, produzir uma escrita-experiência pela perspectiva feminina e nativa, sem dúvida, é “a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou,” (ibidem).

Localiza-se, Quando Karlene narra

Diferentemente de Raquel nasci no outro extremo do Ceará, em Fortaleza na capital, cidade litorânea. Cresci em um bairro periférico, que fica dentro de um território chamado Grande Bom Jardim, conhecido por ter um Índice de Desenvolvimento Humano - IDH baixo e ser um local violento.

Eu considerava que o mar era longe, porque só íamos à praia uma vez no ano e era sempre um grande evento familiar. Costumávamos mesmo era ir a Maranguape-CE, onde meus avós paternos moram, mais precisamente em uma localidade de zona rural, chamada de Retiro. Nós sempre tomávamos banho de açude, mesmo quando tinha pouco água, mas o melhor era quando chovia, as vezes se formava até cachoeira. Nessa época, começo dos anos 2000, meus

avós ainda não tinha banheiro, nem água encanada em casa, o principal forma de sustento da comunidade era a agricultura.

Enquanto criança eu não julgava que a vida no Retiro era mais difícil ou fácil, eu me sentia uma criança mais livre lá. Porém, eu sempre soube que essa narrativa só servia a mim, e ela começou a não fazer mais tanto sentido com os anos. Meu pai trabalhou cedo com meu avô na agricultura, e sempre conta com dor tal fato, como se fosse um trabalho muito pesado e indigno. Seu irmão, meu tio, quando eu tinha uns 12 anos tomou veneno para plantação e faleceu. Ter continuado vivendo lá foi a resposta que muitos deram para a tristeza dele.

Do lado materno, a história com a terra se passava boa parte ali mesmo, onde a gente morava, ali tudo “era mato”, diz minha mãe, o rio maranguapinho corria e quando ele sangrava se pescava peixe nos buracos de água que se fazia nas ruas. “Matou” muito a nossa fome, ela dizia, assim como as frutas e batatas que se criavam nos quintas e terrenos sem casas.

O interior que minha avó materna ia para visitar parentes era Canindé-CE, uma das cidades mais quentes que já fui, a lembrança mais forte que eu tenho do lugar é de quando meu bisavó morreu, a família toda se reuniu, matou-se um porco, parecia uma festa, ali não assimilei a morte, mas como um ente podia juntar tanta gente que há tempos não se via.

Cresci, passei no doutorado e fui parar na Chapada do Araripe, no meu campo de pesquisa conheci Raquel e nossa sede com relação à vida e às pesquisas confluíram. Era a Caatinga, que toma quase 90% do território cearense³, por isso sempre presente em nossas vida e naquilo que nossa vista alcançava, que nos convocava. Ela sempre atravessou a nossa vida e de nossos parentes. Quando ela nos chama a falar com ela e tecer novos mundos, também nos chama para olhar desafios.

A(s) Caatinga(s)⁴

É importante compreender a agência de diversos seres na construção dos saberes nativos, para além do humano. Destaca-se em nosso campo a paisagem da Chapada do Araripe, bem como, o bioma da Caatinga. Segundo Novaes e Laurindo (2014, p. 315-316):

³ (SEMA, 2020).

⁴ Parte desta discussão teórica sobre a caatinga e a Chapada do Araripe se encontra em fase de desenvolvimento na tese da autora 2.

A Chapada do Araripe é um planalto localizado dentro do domínio da Caatinga no nordeste brasileiro, mais precisamente entre os estados do Ceará, Pernambuco e Piauí. [...] confere uma grande variedade de fitofisionomias e uma dinâmica ambiental distinta das demais áreas de Caatinga de baixada (CASTRO, 1996). [...] é protegida por uma Área de Proteção Ambiental (APA da Chapada do Araripe) e parte de seu território também é protegido pela Floresta Nacional do Araripe e pelo Parque Geológico do Araripe (SILVA et al., 2004a). [...] a “Chapada” sofre uma intensa pressão antrópica devido à expansão de áreas agrícolas, ocupação de moradia desordenada e caça (NOVAES et al., 2013). Por possuir uma rica biodiversidade, incluindo endemismos e descrição de novas espécies, apresentar diversos tipos de habitats, sítios fossilíferos e áreas cársticas, a Chapada do Araripe é considerada Área Prioritária para Conservação da Biodiversidade da Caatinga, sendo classificada como região de extrema importância biológica (SILVA et al., 2004a). (NOVAES; LAURINDO, 2014, p. 315-316)

Ela apresenta “cerca de 160 quilômetros de extensão, na direção leste oeste, e de 30 a 50 quilômetros, na direção norte-sul” (Museu Nacional, 2024, p.1). Sua dimensão territorial e o fato de ser situada em diferentes estados do Nordeste, nos coloca uma multiplicidade de relações multiespécie que incluem paisagens, ecossistemas e comunidades humanas vivendo em correlações.

Já a Caatinga, bioma restrito ao território nacional, está localizada majoritariamente na região Nordeste (IRPAA, 2019). Segundo o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA, 2019, p.20),

Pela diversidade natural, mineral, social, econômica, cultural e política, a Caatinga é heterogênea, podendo ser chamada no plural: as Caatingas. São classificadas na mesma região 20 Grandes Unidades de Paisagem, com 172 Unidades Geoambientais, levando em consideração os aspectos de material de origem do solo e tipo de cobertura vegetal semelhantes.

Está na Caatinga é habitar um território diverso e estigmatizado, os longos períodos de seca, comum nessa região de clima semiárido, coloca desafios para todos os viventes que historicamente/biologicamente se adaptaram às condições específicas desse ecossistema. O antropólogo Elizeu da Cruz (2020) ao fazer uma pesquisa com biólogos que realizavam estudos sobre o bioma da caatinga, chegou ao seguinte apontamento,

O entendimento da biodiversidade da caatinga, e de outros biomas, abarcaria questões de adaptação, que envolvem distribuição e permanência dos animais, os seus contextos de relação, e não apenas endemismos. Biólogos da Uesb ampliariam o conhecimento sobre o local (a caatinga) porque o habitam, fazendo aparecer dispositivos de pesquisa que ativam as alteridades animais locais que, por sua vez, se revelam diversas em comportamentos, em estratégias de adaptação, que fazem aparecer o bioma caatinga como riqueza natural. (CRUZ, 2020, p. 133).

De acordo com sua pesquisa, os cientistas da Universidade Estadual da Bahia acreditam que os biólogos “de fora”, que corroboram com a ideia que a caatinga é um bioma pobre, não o

conhecem o suficiente. É dado no texto a diferença de biólogos "nativos" para biólogos "alóctones", dado a diferença de perspectiva sobre o bioma na relação de proximidade/ distância dos pesquisadores.

Quem nos ajuda a pensar com esse olhar de dentro é o quilombola Nego Bispo, em uma entrevista realizada a Thiago Mota, ele afirma que o próprio relevo da caatinga impede a produção em larga escala da monocultura mecanizada, as poucas chuvas e uma vegetação nativa com características de "forrageira e ou medicinal, propicia muito mais a pecuária que a agricultura, portanto, em tese, isso significa uma aplicação menor de veneno" (BISPO, 2020, p.6). Segundo Bispo (2020, p.6):

a Caatinga nos oferece toda a vida, e quando você ataca a Caatinga você ataca todas as pessoas que ali vivem. Há um racismo ambiental muito forte frente a Caatinga no Brasil, principalmente o povo que mais sofre com o racismo é o povo da Caatinga que sempre foram criticados, as pessoas comiam umbu, comiam macambira e eram chamadas de selvagens. Agora não, agora é gourmet. Se dá muita importância para a Amazônia e pouca para a Caatinga, isso não é errado, mas é um desvalor aos modos de vida e a autoestima dos povos da Caatinga, um ataque ao ambiente como um todo, e isso é pior que desmatar. *Tem que botar a Caatinga em pé de igualdade com os outros ecossistemas, pois hierarquizar os biomas é um tipo de racismo ambiental.* Nenhum [bioma] é mais importante. (BISPO, 2020, p.6)

Bispo além de ser quilombola é um intelectual e parte do seu lugar no mundo, do campo e da caatinga piauiense, para afirmar que o racismo ambiental subjuga todos os viventes e não viventes de uma região que é subalternizada. Neste sentido, o lugar do nordeste na biopolítica do Brasil deve ser pensado também pelo viés ambiental e climático, para além do humano, já que o seu subjugamento passa pelo território em toda sua amplitude de significados.

Mas recentemente, alguns pesquisadores do seminário afirmaram que a Caatinga "apresenta alto potencial de sequestro de carbono devido à alta atividade fotossintética da vegetação quando há água disponível (SILVA et al., 2017; MENDES et al., 2020)." (OLIVEIRA et. al., 2021, p.?). Em uma matéria sobre a pesquisa afirma-se que,

A cada 100 toneladas de CO² absorvidas por essa floresta do semiárido brasileiro, há uma retenção que varia entre 45% e 60% e não volta para a atmosfera. [...] Para ter uma comparação sobre a eficiência do bioma, Aldrin afirma que, na Amazônia, o saldo entre a absorção e a liberação de CO² varia entre 2% e 11%. No caso do Cerrado brasileiro, por exemplo, essa eficiência é de 23% (AMÂNCIO; DANTAS, 2024, p.1).

Mostrando que manter a Caatinga "em pé" é de suma importância no combate aos desastres climáticos. Todos esses conhecimentos nos ensinam que não há cuidado e cura humanos sem o cuidado com o ambiente que nos relacionamos.

A caatinga, além de ser um bioma carrega significados sobre o povo nordestino, seu nome de origem indígena faz referência a perda das folhas no período de seca, onde prevalece, “a aparência clara e esbranquiçada dos troncos das árvores [...] Caatinga (caa: mata e tinga: branca) que significa ‘mata ou floresta branca’, traduzido do tupi. (CAATINGA, 2022, p.7-13)”. Habitar a floresta branca impõe uma forma própria de viver, por isso escutamos também o termo caatingueiro ao nos referirmos aos viventes da região.

O marcador caatingueiro nos conta sobre as relações estabelecidas a partir do clima e do ecossistema regional. O termo é utilizado por literários/as, agricultores/as e moradores/as da região do semiárido. Apesar de não existir um conceito formal da palavra, ela é comumente utilizada para se referir às pessoas que convivem no sertão e as suas formas de conviver com os longos períodos de seca, ainda, se reconhece alguns povos caatingueiros, como tradicionais. Em campo “caatingueira/o” aparece se referindo às pessoas, com o adjetivo para atribuir as qualidades de resistência e resiliência, características da vegetação da caatinga e de seus viventes. O termo caatingueira assim, pode ter múltiplos significados e agenciamentos, mas todos ligados ao clima, floresta, bioma e ecossistema⁵ da caatinga(s) e ao que ela nos ensina.

Sítios, roças e culturas de encantamentos

Sabemos que tanto a ideia de bioma como de Chapada são conceitos gestados pela ciência, a partir de especificidades geo-ambientais locais, mas que se reconfiguram de muitas outras formas no cotidiano das comunidades que vivenciam cada habitat. Assim, como plantas, animais e outros seres não precisam de um nome para saber onde e como (sobre)vivem em cada região climática.

No Cariri cearense, território caatingueiro, muitos “Outros” e “Outras” passaram a reivindicar-se “Sujeitas”. Diversas retomadas indígenas ancestralizam e torcem a perspectiva colonial que até então sufocava as identidades étnicas e decretavam o desaparecimento de vários povos originários. Em comum, o território onde as retomadas se operam: os sítios. Sítios são comunidades rurais que abrigam populações tradicionais, em sua maioria agricultores

⁵ Clima, floresta, bioma e ecossistema, foram todos termos que nós encontramos sobre a caatinga ao pesquisar matérias e artigos sobre ela.

familiares⁶. No Cariri cearense, podem se localizar dentro de áreas de conservação e proteção ambiental criadas posteriormente à chegada das populações que ancestralmente compartilham e cuidam da coletividade de seres que lá também se abrigam, a exemplo do sítio Campo Alegre, localizado ao sopé da Chapada do Araripe, na zona rural da cidade do Crato, região do Cariri, extremo sul do Ceará.

Sítios são teias cosmopolíticas por excelência. Aninhadas em meio a matas e florestas, a excepcionalidade e imposição humana é desacelerada pela íntima relação entre pessoas, árvores, plantas, bichos, clima. Relações compartilhadas (Bispo, 2023), que produzem confluências espirituais, bem-viver, processos corregulatórios físico-emocionais e o desenvolvimento de práticas de cura e cuidado.

Tais confluências ficam evidentes quando, por exemplo, a agricultora familiar, Nilda Fechine, ao narrar aspectos de seu modo de vida multiespécie no sítio Minguiriba, localizado na zona rural do Crato/CE, na área de platô da Chapada do Araripe, ela afirma: *“Acordo cedo. Faço meu café, já dou uma olhada em meu quintal, dou uma olhada nos cajueiros”*, torna evidente a simbiose biológica entre ela e a mata: *“Eu me acho parte da natureza. Quando acordo de manhã, e não sei o que fazer, eu coloco a mão em uma árvore, fecho os olhos e ali sinto uma energia. Pronto! Dali eu tou pronta pra tudo.”* [Dona Nilde em entrevista o Candeeiro] (CANDEEIRO, 2015). Vemos na narrativa de Nilde, algo semelhante ao que nos coloca Marisol de la Cadena (2019) ao trazer a cosmopolítica dos indígenas dos Andes, que nos ensina a possibilidade de nutrição e cuidado que pensa as habilidades políticas incluindo animais, plantas e outros seres.

A forma de se relacionar de Dona Nilde também fica evidente quando a agricultora narra um processo corregulatório de cuidado e aprendizado ao cultivar legumes e mudas de árvores frutíferas: *“Aprendi que não é bom ficar fazendo queimada. Hoje eu limpo o mato com a enxada, não queimo nada, porque as folhas servem de adubo, então é mais um reforço pra plantação”*. (CANDEEIRO, 2015). Dentro dessa assembleia ecológica, as agricultoras e agricultores possuem papel fundamental (Tsing, 2019) que se caracteriza pelo cultivo, manutenção e transmissão de experiências ancestrais e relações multiespécies e tem na roça, um dos espaços

⁶ Entendemos por populações tradicionais, “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (inciso I Art. 3º Decreto 6.040 / 2007).

principais de territorialização de conhecimento. Mesmo se utilizando de práticas que perturbam as relações sensíveis com outros seres, como colocar fogo na roça, deixar o terra desnuda ou mesmo pulverizar agrotóxico, os modos de vida e práticas de agricultura continuam a ser territórios grávidos de potências mágicas da existência:

Essa agricultura observa a natureza como algo sagrado, inclusive nós, e é promotora da cultura do encantamento. Essa é a concepção-chave dela. Ela nos possibilita, sendo natureza e se descobrindo enquanto natureza, promover um viver na Terra sem comprometer o viver da própria Terra (XUKURU, 2021, n.p)

Quem fala na citação acima é Iran Xukuru, liderança na retomada da agricultura sagrada do povo Xukuru, da serra do Ororubá, localizada na cidade de Pesqueira/PE. Iran concebe a agricultura como uma medicina para o corpo e o espírito que “vai muito além do plantar, do colher e do comer”. Segundo ele, a agricultura ancestral reconhece como práticas rituais o plantar, colher e comer, bem como “as práticas da solidariedade, o sistema tradicional de cura e a própria inserção na natureza enquanto natureza”:

Essa agricultura observa a natureza como algo sagrado, inclusive nós, e é promotora da cultura do encantamento. Essa é a concepção-chave dela. Ela nos possibilita, sendo natureza e se descobrindo enquanto natureza, promover um viver na Terra sem comprometer o viver da própria Terra (XUKURU, 2021, n.p).

Podemos habitar a Terra, Gaia ou Pachamama, mas um dos trabalhos (e mais que isso) que nos ensina na prática a melhor viver com ela, a nutrir e ser nutrido/a - em múltiplos sentidos e ao mesmo tempo de formas diferentes e específicas- de acordo com cada ambiente, é o/a agricultor/a que se propõe a conhecer a terra que planta e fazer dela não apenas seu local de trabalho, mais um local de vida. Como nos ensina Maria Valdelice (CANDEEIRO, 2015): “*Esse pé de cajarana é onde eu fazia as reuniões da associação de moradores [...] então esse é um lugar histórico, é o lugar onde aconteceu minha história, minha vida*”. Assim, as/os agricultoras/es do Crato nos revelam que *habitar-com* a terra faz emergir modos de vida sensíveis, respostas amorosas ao corpo da Terra, jeitos outros de compartilhar o mundo sem violá-lo O que essas populações nos ensinam é que a terra não é um recurso para fins de enriquecimento, mas é, sobretudo, onde e com quem se compartilha a vida.

Conviver e compartilhar a vida é também enfrentar desafios e buscar soluções. Na Caatinga há incidência da chuva em poucos meses do ano, é por isso que

As águas da Caatinga constroem memórias afetivas e comemorações quando aparecem. São inseridas nos costumes dos mais velhos, agricultores e povos originários, que

carregam o hábito de prever como vão ser as chuvas, a partir de interpretações da fauna, flora ou do próprio clima durante o ano. [...] O semiárido possui temperaturas médias anuais em torno de 25° a 30°, com precipitações que costumam alcançar 800 mm por ano, mas podem variar entre 200 mm em períodos mais secos, e mais de 1000 mm em períodos chuvosos. A estação chuvosa é curta e dura de três a seis meses, com chuvas torrenciais e irregulares que se distribuem por quase toda a extensão do bioma. (CAATINGA, 2024, n.p.)

É certo que quando chove há festa no sertão, as primeiras chuvas trazem alívio de um espera de meses e se cai água em datas específicas, como no dia de São José (19 de março) é sinal de um “inverno” próspero. É por conta da lida com o clima que costumamos dividir as estações em inverno (chuva) e verão (sol), visto as temperaturas e o ciclo pluvial.

Nas matérias selecionadas no Candeeiro podemos observar que um marco na vida dessas pessoas viventes da caatinga no Crato, é a criação de cisternas para armazenar água, respeitando ainda mais os ciclos de chuva. Para além dos armazenamos já feitos, como em potes de barro.

Considerações: Um Candeeiro multiespécie⁷

É recente o interesse pela produção de narrativas que visibilizem e reforcem positivamente as vidas, conhecimentos e práticas de agricultoras/es familiares de território caatingueiro. Na verdade, até o ano de 1999, ano de criação da Articulação do Semiárido Brasileiro⁸ (ASA Brasil), não havia uma produção consistente de narrativas germinadas na Caatinga que fossem o absoluto oposto das discursividades que reforçam as histórias únicas coloniais de atraso, ignorância e escassez. Com o advento da ASA Brasil, são criadas políticas de comunicação voltadas para as demandas dos povos caatingueiros que habitam as zonas rurais e estabelecem alianças com o paradigma de convivência com o Semiárido/Caatinga.

Os boletins O Candeeiro são criados na esteira de produção de políticas de resistência ao combate à seca e estratégias comunicacionais e pedagógicas de envolvimento, disseminação e difusão das tecnologias apropriadas e práticas de convivência com o Semiárido no Brasil. Esses impressos distribuídos nas feiras livres, intercâmbios de agricultores, eventos de agroecologia,

⁷ Parte da discussão sobre o Candeeiro se encontra em desenvolvimento na tese da autora 1.

⁸ “A ASA é uma rede de organizações da sociedade civil resultante da luta de vários movimentos e entidades sociais que há décadas atuam na região do Semiárido. Em 1999, esse grupo se articulou em torno de uma proposta de convivência com o Semiárido que se contrapõe ao combate à seca. Para a Articulação, a convivência com o Semiárido está baseada nas estratégias da estocagem de água para beber e produzir alimentos nas comunidades rurais e nas áreas de produção das famílias agricultoras, no acesso à terra, na segurança e soberania alimentar e nutricional destas famílias, na agroecologia, na educação contextualizada, nas ações de combate à desertificação e na promoção da igualdade de gênero”. (Brochardt, 2013, p.17)

fóruns, tornam-se o principal meio de circulação de conhecimentos entre os especialistas da Caatinga, usualmente chamados de agricultoras/es familiares.

Os Candeeiros possuem entre uma e duas páginas, e narram de forma coloquial os modos de vida e experiências acerca das tecnologias apropriadas ao semiárido implementadas pelas organizações não governamentais que integram a ASA Brasil. Em geral, os temas dos boletins dissertam sobre os usos e construções de cisternas de captação de água de chuva⁹, experiências com quintais produtivos, intercâmbios de agricultoras/es familiares, feiras orgânicas, experiência com plantios agroecológicos. De fundo, o recorte das narrativas visibilizam o paradigma de convivência com a Caatinga/semiárido em oposição ao projeto de combate à seca impetrado pelo estado brasileiro e elites políticas-econômicas locais e regionais.

Entretanto, com a leitura e análise dos Candeeiros produzidos na pelas organizações presentes na cidade do Crato/CE, entendemos que esses impressos mais que um boletim de experiência são narrativas de uma vida multiespécie que acontece na região do Cariri cearense.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Adriana. DANTAS, Rafael. *Caatinga é o bioma mais eficiente do Brasil em captura de carbono*. 2024. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2024/04/caatinga-e-o-bioma-mais-eficiente-do-brasil-em-captura-de-carbono/>. Acesso em: 22 maio 2024.

BISPO, Antonio. *Entrevista com Antônio Bispo dos Santos*. [Entrevista concedida a] Thiago Mota. Coletiva, Dossiê Emergência Climática. 2020. Disponível em: <https://www.coletiva.org/dossie-emergencia-climatica-n27-entrevista-com-antonio-bispo>. Acesso em 20 de junho de 2024.

CAATINGA, no Clima. *As verdadeiras águas da Caatinga*. Disponível em: <https://www.noclimadacaatinga.org.br/as-verdadeiras-aguas-da-caatinga/>. Acesso em 10 de junho de 2024.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*. Episódios de Racismo Cotidiano Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

IRPAA, Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. *Experiências de Recaatingamento no Semiárido Brasileiro*. Bahia: Il.Color, 2019.

⁹ Ver Programa P1+2 e P1MC

NOVAES, Roberto Leonan Morim; LAURINDO, Rafael de Souza. *Morcegos da Chapada do Araripe, nordeste do Brasil*. Papéis Avulsos de Zoologia (São Paulo), [S.L.], v. 54, n. 22, p. 315-328, 2014. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.1590/0031-1049.2014.54.22>.

OLIVEIRA, Michele L. de; SANTOS, Carlos A.C. dos; OLIVEIRA, Gabriel de; PEREZ-MARIN, Aldrin M.; SANTOS, Celso A.G.. *Effects of human-induced land degradation on water and carbon fluxes in two different Brazilian dryland soil covers*. Science Of The Total Environment, [S.L.], v. 792, p. 148458, out. 2021. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.scitotenv.2021.148458>.

SEMA, Secretaria do meio ambiente e mudança do clima. *Caatinga abrange quase 90% do território cearense*. Governo do estado do Ceará. Publicado em 28 de abril de 2020. Disponível em <https://www.sema.ce.gov.br/2020/04/28/caatinga-abrange-quase-90-do-territorio-cearense/>. Acesso em 1 de julho de 2024.

TSING, Anna. 2019. *Viver nas Ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.